



BULLYING NA ADOLESCÊNCIA: PERCEPÇÕES E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DE JOVENS INSTITUCIONALIZADOS (AS)

Elaine Cristina Franco¹, Edilene Aparecida Araújo da Silveira¹, Kariny Aparecida Trevisan da Silva², Aline Rafaela Neves Padilha², Maria Alice Aparecida Resende², Marlon Willian da Silva³

1 Docente Adjunto da Universidade Federal de São João del Rei;

2 Discente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de São João del Rei;

3 Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Adolescente da Universidade Federal de São João del Rei

RESUMO

Objetivo: compreender a percepção de adolescentes institucionalizados (as) acerca do *bullying* e suas estratégias de enfrentamento. **Método:** estudo descritivo com abordagem qualitativa sustentada nos referenciais teóricos do Interacionismo Simbólico. O cenário foi composto por duas casas de acolhimento localizadas em um município da região Centro Oeste de Minas Gerais. Os participantes foram seis adolescentes da casa Estrela e sete adolescentes da casa Sol. A coleta de dados foi realizada por meio de grupo focal. A análise dos dados baseou-se na análise de conteúdo temática. **Resultados:** o *bullying* exerce influência na vida dos/das adolescentes no que diz respeito à constituição de suas relações sociais e nas estratégias de enfrentamento que desenvolvem para a autodefesa e proteção. Esses/essas jovens podem ao longo da adolescência e/ou outras etapas de suas vidas desenvolverem quadros relacionados com baixa autoestima, ansiedade, depressão, autolesão, dentre outros. **Conclusão:** embora a institucionalização seja uma forma de proteção e garantia de direitos dos (as) adolescentes, em algumas circunstâncias ela favorece situações de intimidações, discriminação e ofensas por parte de outros. Torna-se essencial a oferta de atividades para os/as adolescentes institucionalizados (as) que os/as permitam ser capazes de lidar com as adversidades cotidianas, dentre elas as situações de *bullying*.

Palavras-chave: Bullying; Adolescentes; Institucionalização; Adaptação psicológica.

BULLYING IN ADOLESCENCE: PERCEPTIONS AND STRATEGIES FOR COPING WITH INSTITUTIONALIZED YOUNG PEOPLE

ABSTRACT

Objective: to understand the perception of institutionalized adolescents about bullying and its coping strategies. **Method:** a descriptive study with a qualitative approach based on the theoretical frameworks of Symbolic Interactionism. The scenario was composed of two shelters located in a municipality in the Midwest region of Minas Gerais. The participants were six teenagers from Casa Estrela and seven teenagers from Casa Sol. Data collection was performed through a focus group. Data analysis was based on thematic content analysis. **Results:** bullying influences the lives of adolescents with regard to the constitution of their social relationships and the coping strategies they develop for self-defense and protection. These young people may, throughout adolescence and / or other stages of their lives, develop conditions related to low self-esteem, anxiety, depression, self-injury, among others. **Conclusion:** although institutionalization is a way of protecting and guaranteeing the



rights of adolescents, in some circumstances it favors situations of intimidation, discrimination and offenses on the part of others. It is essential to offer activities for institutionalized adolescents that allow them to be able to deal with daily adversities, including bullying situations.

Keywords: Bullying; Adolescent; Institutionalization; Adaptation psychological.

INTRODUÇÃO

Caracterizada por mudanças físicas, psíquicas e pelo desenvolvimento dos caracteres sexuais, a adolescência é o período onde há a necessidade do jovem transitar por ambientes confortáveis e seguros que ofereçam apoio e proteção e favoreçam o autoconhecimento, por meio do relacionamento interpessoal¹. Entretanto, observa-se que os espaços de circulação e vivências dos adolescentes, de modo recorrente, têm favorecido experiências sustentadas na intimidação, medo e exposição pessoal e, como consequência, tem-se o desencadeamento de quadros relacionados à depressão, ansiedade e baixa autoestima por jovens expostos².

O fenômeno decorrente de intimidação ou exposição sem motivação através de atitudes habituais e intencionais que envolvam instabilidade relacional de poder é denominado *bullying*. De origem inglesa, a terminologia *bullying* deriva do verbo inglês *bully* e tem sido traduzido como a designação de pessoa cruel, intimidadora, agressiva³.

De modo geral, o *bullying* é definido como um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos, ocorre entre o público infantojuvenil em motivação evidente⁴. Rotineiramente, o *bullying* é pouco perceptível aos adultos, pois dissemina-se sutilmente e muitas vezes recebe a vestimenta de brincadeira de mal gosto³.

Quanto às formas de ocorrência, observa-se que a prática do *bullying* se manifesta de maneira direta e indireta. Dentre as formas diretas mais comuns têm-se as agressões que podem ser física (brigas e empurrões); verbal (xingamentos, determinação de apelidos e importunação), e; a agressão sexual. Indiretamente, também são observadas as agressões psicológicas e morais representadas por situações de exclusão, isolamento, invasão de privacidade, difamação e injúrias. Há também o *Cyberbullying* onde a violência entre pares ocorre dentro do espaço virtual^{5,6}.

Classificado como uma forma de violência, o *bullying* tem suas raízes em problemas sociais, culturais, econômicos e históricos. Quanto aos grupos que são acometidos por situações que envolvem o *bullying* estes são compostos, normalmente, por populações vulneráveis^{7,8}.



O motivo para adolescentes praticarem o *bullying* entre pares relaciona-se, segundo estudos, a vivências pautadas em violência doméstica e/ou familiar, maus tratos parentais, a educação passiva (sem imposição de limites) e a falta do exemplo familiar relacionado com o respeito ao próximo, a diversidade de gênero, raça, padrões corporais e culturais, dentre outros aspectos^{6,7,8,9,10}.

Na medida em que a prática do *bullying* ocorre principalmente com indivíduos vulneráveis, seja no contexto escolar, familiar, social e/ou econômico, destacam-se neste estudo os adolescentes emergentes de situações que denotam exclusão social e vulnerabilidade e que compõem a clientela das Casas de Acolhimento¹¹. A institucionalização de crianças e adolescentes está prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e configura-se como uma medida protetiva de caráter excepcional e transitório. Ela ocorre quando a família não consegue garantir a proteção e seguridade dos direitos fundamentais da criança e/ou do adolescente, permitindo que estes sejam expostos a situações de risco e tenham a seus direitos violados¹¹.

Dentre as principais causas para o acolhimento institucional estão a violência física, psicológica e sexual, maus tratos, negligência e abandono, que normalmente estão associados a uma variedade de perdas que incluem comprometimento escolar, cuidados sanitários e nutrição inadequados, habitação precária e vida entre adultos que nem sempre exercem sobre estas apoio e supervisão consistente^{11,12}.

A situação de acolhimento institucional confere aos/às adolescentes, portanto, uma identidade social que potencialmente marca-os/as como "diferentes" perante a sociedade, podendo torná-los alvo de preconceito, exclusão e estigmatização, nos ambientes em que vivem e convivem, a exemplo da escola¹³. Embora a escola deva favorecer a construção de valores e autoestima, ela age muitas vezes contraditoriamente, levando à segregação, humilhação e exposição dos alunos. No contexto de acolhimento, em função da identidade construída por meio de estigmas sociais, atribuídos ao público morador de "abrigos/orfanatos" essas crianças e adolescentes são reconhecidas e (pré) julgadas por seus pares, assumindo em diversos momentos a condição de vítimas de práticas de *bullying* e também em outras o papel de agressor e/ou espectador. Ao compor o cotidiano escolar dos acolhidos, essas condições favorecem o baixo desempenho escolar, à resistência de ir à escola, a baixa autoestima e; quadros de ansiedade, medo, depressão, dentre outros transtornos^{11,13,14}.

Destarte, considerando o *bullying* como uma prática social que tem consequências duradouras para o público infantojuvenil e sua interface com o cotidiano de crianças e adolescentes que estão em Casas de Acolhimento, busca-se com este estudo compreender



a percepção de adolescentes institucionalizados (as) acerca do bullying e suas estratégias de enfrentamento.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de descritivo com abordagem qualitativa sustentada nos referenciais teóricos do Interacionismo Simbólico¹⁵ que possibilita, no contexto do *bullying*, a compreensão dos modos como os adolescentes agem em relação à sociedade e espaços que estão inseridos e dos significados que atribuem às suas vivências considerando suas interações sociais. O cenário do estudo foi composto de duas casas de acolhimento localizadas em um município da região Centro Oeste de Minas Gerais, que neste estudo receberam nomes fictícios. A casa de Acolhimento Estrela destina-se à institucionalização de adolescentes de 12 a 18 anos, do sexo feminino e a Casa de Acolhimento Sol recebe crianças e adolescentes de 06 a 18 anos, do sexo masculino. A escolha das casas de acolhimento sustenta-se na realização de atividades de extensão do PROGRAMA ACOLHER nestes cenários. O referido programa, em funcionamento desde 2016, tem como finalidade favorecer o desenvolvimento biopsicossocial de crianças e adolescentes institucionalizados (as) por meio de consultas de Enfermagem e oficinas grupais, realizadas semanalmente.

Foram convidados a participar do estudo todos (as) os (as) adolescentes institucionalizados (as). À época da coleta havia na Casa de Acolhimento Estrela sete adolescentes, sendo que seis participaram do estudo, uma adolescente disse não ter interesse em participar das atividades propostas. Na Casa de Acolhimento Sol, sete dos doze adolescentes acolhidos participaram do estudo. Cinco adolescentes não participaram devido a indisponibilidade de tempo, relacionada ao cumprimento de atividades externas à instituição, no período da coleta de dados. A coleta dos dados ocorreu no período de fevereiro a abril de 2018.

A estratégia utilizada para a coleta de dados foi o grupo focal. Os grupos focais foram realizados nas casas de acolhimento e tiveram a duração média de 30 minutos. Os grupos foram conduzidos pelos pesquisadores, sendo um moderador e dois observadores. Foram realizados três grupos com os (as) adolescentes. Nos grupos focais, os (as) adolescentes foram conduzidos (as) a narrar sobre suas percepções acerca do bullying, de que forma o definem, experiências vivenciadas e estratégias adotadas para o enfrentamento.

Os relatos dos grupos focais foram gravados e transcritos na íntegra para análise e interpretação. A análise dos dados empíricos baseou-se na análise de conteúdo temática¹⁶ que é composta de três fases. A primeira consiste na pré-análise, que visa a ordenação do



material para que sejam realizadas as demais aproximações com os dados do estudo. Nesta etapa ocorre a leitura flutuante dos relatos; a demarcação do que será analisado; a formulação das hipóteses e dos objetivos; e a referenciação dos índices e elaboração de indicadores por meio de recortes de texto nos documentos. Em seguida, na segunda fase, há a definição das categorias e são identificadas as unidades de registro e, por último, o tratamento dos resultados, inferência e interpretação ¹⁶.

Para garantir anonimato dos adolescentes, eles/elas foram identificados (as) pela letra E de entrevistado com o seu respectivo número e a letra G de grupo focal com seu respectivo número (ex: E1G1, E1G2, E2G1, E2G2, ...). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética sob o parecer 2.320.332 CAEE 76677417.0.0000.5545 e, segue as recomendações para estudos que envolvem seres humanos, conforme resolução 466/2012. Mediante consentimento para a participação no estudo, os/as adolescentes assinaram o termo de assentimento e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado pela coordenação das Casas de Acolhimento, considerados as responsáveis legais pelos adolescentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os/as adolescentes participantes do estudo têm idades entre 12 e 16 anos, são estudantes do ensino fundamental II e o tempo médio de institucionalização é de três anos. Quanto aos motivos que levaram à institucionalização foram identificados: maus-tratos, negligência, violência sexual, verbal, psicológica e abandono. Da análise temática dos dados empíricos emergiram duas dimensões crítico-analíticas, a saber: (I) *Bullying*: significados e consequências e; (II) *Bullying*: estratégias de enfrentamento.

BULLYING: SIGNIFICADOS E CONSEQUÊNCIAS

Em suas narrativas, os adolescentes na tentativa de definir o *bullying* o relacionam com situações que permeadas por preconceitos raciais, perfil biofísico, condições socioeconômicas e de gênero, conforme se observa nos trechos a seguir:

“Pra mim eu acho que o bullying eh ... um preconceito que as pessoas têm, não respeita a característica de cada uma, não respeita o cabelo, fica criticando, eles critica se você é mais pobre ou se você é mais rico... Não te aceita em alguns lugares... Te ignora.” (E8G1)

“Tipo eh ... Assim quando uma pessoa vira pra você e fala assim... Você é feia, que você é gorda... Essas coisas” (E3G1)



“Eh... Você falar da cor da pele... Da característica física dela... Da escolha entre ser homem ou mulher” (E9G1)

“Uma coisa muito ruim... É uma coisa que fere as pessoas” (E5G1), “Colocar apelido, racismo, agressão verbal [...]” (E1G2)

“Bullying é quando você tipo... Você fala com uma pessoa você vira pra pessoa e fala assim você é feia, aí isso é bullying” (E1G1)

“Bullying é quando a pessoa fica te zoando, tipo assim ... nó ... fi cê é gorda hein, vai emagrecer, para de comer ... cê vai beber refrigerante, e nú ... cê vai dar celulite, pára de beber refrigerante ... Eu odeio quando falam isso comigo.” (E2G1).

Verifica-se que o preconceito relacionado às condições socioeconômicas, raça, gênero e a valorização de determinados estereótipos estéticos em detrimentos de outros são elementos usados pelos(as) adolescentes para a definição de Bullying, o que corrobora com os outros estudos em que os participantes também identificaram fatores individuais como motivos para a vitimização, como características físicas ou sexuais diferentes dos padrões sociais ¹⁷.

Os(as) adolescentes sinalizam para os diferentes tipos de atitudes que configuram o bullying como as agressões físicas, verbais, a exclusão e o isolamento. Ao definir o termo ‘bullying’, eles/elas o fizeram dando destaque a agressão verbal e trazem para suas narrativas uma conotação de relato de experiências que foram vivenciadas por eles/elas, a exemplo de quando usam as expressões “... Quando uma pessoa vira pra você e fala assim... Você é feia...”, “... Não te aceita...”, “... Eu odeio quando falam isso comigo...”. A menção, mais frequente, de agressões verbais pelos participantes alinha-se aos resultados de outros estudos com adolescentes que também pontuaram na definição do bullying a referência às agressões verbais relacionadas a xingamentos, uso de apelidos e ênfase em estereótipos que não correspondem ao padrão social aceitável pelos agressores ¹⁷.

O bullying surge na interface das interações sociais, no contexto dos relacionamentos interpessoais, se definindo como um padrão de comportamento que permanece durante a vida do adolescente ¹⁸. O contexto do bullying é na maioria dos casos composto por agressores, vítimas e observadores como se pode perceber no discurso abaixo:

“Na escola sempre tem aquele que bate, xinga, agride o outro... Tem aquele que vai receber isso tudo e tem aquele que fica olhando e não faz nada e às vezes até parece que gosta.” (E2G2).

Os agressores tentam dominar e subjugar o outro por meio de agressões verbais, físicas e/ou psicológicas; as vítimas, são os alvos do bullying e; os observadores, são aqueles que presenciam as situações de intimidação das vítimas. Ainda que os papéis



assumidos tenham finalidades diferenciadas, estudos nacionais e internacionais mostram que todos os envolvidos estão sujeitos a consequências que poderão afetar sua qualidade de vida^{6,8,9,10}.

No contexto das vítimas, observa-se que elas estão mais propensas a desenvolver problemas de saúde física, bem como problemas psicológicos, como depressão, ansiedade e baixa autoestima. Porém esses transtornos também podem ser observados nos agressores e observadores deste contexto, bem como o comprometimento do desenvolvimento escolar, e o surgimento de comportamentos que fogem à norma social^{6,8,9,10,19}.

A vivência do *bullying* desperta nos/nas adolescentes sentimentos relacionados a raiva, tristeza, inferioridade, que desencadeiam comportamentos relacionados com a evasão escolar e negação ou tentativa de esquecimento da experiência vivida:

“Eles me chamava de... Eh... Rato de esgoto, eh... Anã... Tampa de garrafa, eh... Ridículo. Eu me sentia inferior, me sentia inferior a todos [...] Eu me sentia muito triste, eu chorava, porque eu sou muito sentimental, eu não sou muito agressiva sabe?” (E2G1)

“Ah, tristeza, raiva, angústia e comecei a pensar naquilo, passei até... A não ir na escola.” (E2G3)

“Na escola tem umas meninas que falam de mim, do meu corpo, me chamam de gorda ou alguma coisa assim... Eu não me acho gorda, mas isso fica na minha cabeça, eu fico triste e às vezes até me sinto feia... Isso prejudica” (E3G3)

“Nem lembro, eu deleto da minha cabeça, não procuro nem lembrar... Sensação ruim, como se estivesse presenciando novamente aquele momento” (E2G3).

Estudos mostram que as consequências do *bullying* são duradouras e que podem, em maior ou menor grau, serem reativadas no decorrer da vida do (a) adolescente ou quando este/esta estiver em outras fases do ciclo da vida. Além disso, os sentimentos desencadeados podem afetar o desenvolvimento psicossocial dos/das adolescentes favorecendo que ao longo da vida possam surgir quadros relacionados com a depressão, baixa autoestima, ansiedade, dificuldade de se relacionar, tentativa de suicídio, dentre outros²⁰.

Viver o *bullying*, aos olhos dos/das adolescentes tem consequências em seus cotidianos:

“Na minha vida vai trazer porque tipo assim eu não vou querer confiar em ninguém, eu não vou querer conversar com ninguém, eu vou ser isolada, vou pensar que eles vão fazer bullying comigo, aí... Eu não sei.” (E2G1)



“[...] pode ter várias consequências tipo não pode ser só o... Suicídio, como os cortes... a pessoa pode não querer sair com os amigos, pensar que alguém vai fazer bullying, [...] vai querer ficar trancada dentro do quarto e o bullying também pode causar uma certa depressão até chegar a pessoa numa morte.” (E2G1),

“Isso, exatamente! Como E2G1 falou né, eh... Tipo como o próprio suicídio, como alguns cortes. Porque tipo assim a pessoa sofre o bullying... E o que que acontece, ela fica... Isso guardando, espera o momento certo pra... Entendeu?!” (E4G1).

Os (as) adolescentes trazem à luz consequências biopsicossociais do *bullying* representadas em seus discursos por meio das expressões “não vou querer confiar”, “não vou querer conversar”, “vou ser isolada”, “cortes”, “suicídio”, “depressão” e “morte”. Narrar vivências de *bullying* levou os (as) adolescentes a evocarem memórias passíveis de serem compartilhadas, reforçando a ideia de que a experiência de terem sido vítimas de agressão deixou marcas inegáveis. Observa-se que, de modo semelhante aos estudos que tratam das consequências do *bullying*^{8,9,17}, os (as) adolescentes tem seus cotidianos marcados por desconfiança na constituição de vínculos afetivos, adoecimentos, autolesões, isolamento social, baixa autoestima, depressão, ansiedade e por vezes percebem a morte como uma medida para interromper as agressões.

BULLYING: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

Ao serem convidados a narrar sobre suas estratégias de superação de vivências relacionadas com o *bullying*, os/as adolescentes mencionaram diferentes frentes de ações. Inicialmente elas/elas citam a técnica de ignorar o agressor como forma de reagir aos ataques, na tentativa de que este seja desencorajado a cometer a violência.

“[...] Aí, eu vou ignorando a pessoa e deixando ela falar sozinha ... ai a pessoa foi ficando sem graça e parou.” (E4G1)

“[...] ignoro quando acontece alguma coisa, quando me chamam de preta, burra... faço de conta que não tô ouvindo” (E2G3).

A ação de ignorar as práticas de bullying incitadas pelo agressor tornam, às vítimas aos olhos daquele que agride, fragilizadas para a autodefesa favorecendo a intensificação da violência. Desse modo, estudos prévios que versam sobre as estratégias de enfrentamento desenvolvidas pelas vítimas ressaltam que é necessário trabalhar as habilidades sociais da vítima como forma de intervenção para reduzir as ocorrências de bullying²¹.

Já outros (as) adolescentes diante dos sentimentos de raiva e vingança, derivados das vivências como vítimas de *bullying*, assumem papéis de agressores:



“Eu sofria muito bullying ... Aí quando que alguma pessoa falava comigo, eu revidava, aí eu batia na pessoa, aí pra pessoa sentir a mesma coisa que eu estou sentindo aí eu revidava. Porque eu não ia guardar só pra mim, que era pra ela sofrer também. Aí eu batia nela, falava alguma coisa para ofender ela.” (E1G1)

“Eu não aguento muito não... Dá muita raiva e tem hora que eu vou pra cima e também começo a xingar, bater” (E5G2).

Assumir a posição de agressor, como uma medida protetiva, torna a vítima inicialmente apta a autodefesa e proteção, garantida pela reprodução da violência sofrida anteriormente. Observa-se nos enunciados que o sentimento de raiva exerce influência na reprodução das agressões sofridas, bem como na realização da autodefesa e proteção dos(as) adolescentes. Os comportamentos adotados pelos(as) adolescentes participantes desta pesquisa, se assemelham a resultados de estudos comportamentais com adolescentes escolares, os quais apontam que inicialmente as condutas dos estudantes foram de revidar com agressividade e violência. Destaca-se ainda que, normalmente as vivências de bullying encorajam as partes envolvidas, vítimas e agressores, a resolverem os conflitos presentes em seus cotidianos familiares e sociais, por meio da violência ^{18,22}.

Os padrões comportamentais de violência são transmitidos culturalmente no âmbito familiar. As relações violentas nesse contexto repercutem no aparecimento de outros tipos de violência na sociedade, uma vez que há um enfraquecimento das habilidades sociais positivas e das formas de enfrentamento da violência, com base na crença de que a sociedade é violenta ¹⁸. Dentre os motivos para a institucionalização dos/das adolescentes tem-se a violência doméstica. As relações familiares podem promover um desenvolvimento prejudicado que se reflete no envolvimento do/da adolescente em situações violentas, o que corrobora para a transposição da violência para as situações do cotidiano e como medida de proteção em situações que assumem a dualidade de vítimas e agressores nas práticas do bullying ¹⁸.

Dar voz aos (às) adolescentes permitiu que os/as participantes evocassem suas memórias acerca do *bullying* e pudessem trazer à luz suas percepções relacionados aos momentos que assumem a condição de agressores:

“[...] mas se você não ligar não falar nada, só falar tipo para e tal e procurar pessoas superiores a você, não agredindo... Você vai ter uma dignidade perfeita, porque você não agrediu, você só falou, ai a pessoa superior a você vai resolver, vai fazer a denúncia algo assim ... Vai resolver você vai ter todo seu direito e não vai perder sua dignidade.” (E4G1)

“Porque se você não bater na pessoa você vai ter deixado pra Lá, vai virar as costas...



Porque se você bater as duas vão estar erradas, ai não vai ter nem direito de defender, porque as duas vão estar erradas, ela por ter batido e a outra pelo bullying.” (E1G1)

Para os/as adolescentes ao revidar da mesma forma as agressões eles/elas assumem atitudes igualmente erradas quando comparadas àquelas executadas pelos agressores. Estudos sustentados em intervenções com adolescentes acerca do *bullying* revelam que ao serem apresentadas aos/às jovens estratégias diversificadas para o enfrentamento da violência, são favorecidas as reflexões e análises das atitudes adotadas e consequentemente há a percepção de que a reação agressiva não é uma resposta efetiva a situação, mas sim um possível gatilho gerador de mais conflitos. A partir do compartilhamento de ideias os adolescentes compreendem a necessidade de adotar outras formas de resposta como a ajuda de amigos e pessoas próximas, além dos profissionais na escola com o intuito de solucionar o problema^{22,18}.

No âmbito das Casas de Acolhimento, os/as adolescentes destacam a importância de procurar auxílio com uma pessoa adulta, no qual confie:

“Eu conto pra tia do abrigo porque acho que ela pode ajudar a parar com essas brincadeiras de mal gosto...tem que contar sempre.” (E1G3)

“Eu conto aqui no abrigo o que acontece na escola... conto pras outras meninas e pra cuidadora e isso me ajuda bastante porque a gente fica guardando aquele sentimento ruim de tristeza e até medo às vezes” (E5G3).

Procurar ajuda com a família como forma de enfrentamento do bullying é uma condição comum entre adolescentes²³. Em contextos de acolhimento institucional, o papel exercido pela família é transferido aos cuidadores/mães sociais, que representam para o público infantojuvenil a referência de figura adulta e protetora durante a institucionalização. A construção desse ambiente acolhedor, de proteção e confiança possibilita a construção de laços afetivos que favoreceram a autoestima²⁴ dos adolescentes, algo essencial no enfrentamento ao bullying. Ainda que com o passar do tempo, o *bullying* esteja sendo tratado com a sua real relevância, deixando de ser naturalizado como brincadeira, devido aos grandes problemas que este pode gerar, há muito que se fazer a respeito das intervenções para que elas sejam mais efetivas²⁵.

A aproximação com os/as adolescentes e suas vivências revelam que, de modo semelhante aos resultados de outros estudos^{8,20} não há uma estratégia única para o enfrentamento da violência, tampouco há um “script” de ações a serem seguidas em toda e qualquer situação que envolva o *bullying*. Há, portanto, que se considerar o contexto de realização do *bullying*, as partes envolvidas e os equipamentos sociais (escola, família,



instituições acolhedoras, serviços de saúde, dentre outros) que poderão contribuir para a ruptura do ciclo de violência e para a adoção de estratégias de mitigação dos danos^{17,20}.

CONCLUSÃO

Este estudo objetivou compreender a percepção de adolescentes institucionalizados(as) acerca do *bullying* e suas estratégias de enfrentamento. De modo geral, verifica-se que o aporte teórico metodológico utilizado possibilitou a compreensão sobre o objeto de estudo na perspectiva dos/das adolescentes, bem como, suas vivências relacionadas às possíveis manifestações dessa modalidade de violência em seus cotidianos escolares e institucional.

Constatou-se que o *bullying* exerce influência na vida dos/das adolescentes, principalmente no que diz respeito à constituição de suas relações sociais e nas estratégias e enfrentamento que desenvolvem para a autodefesa e proteção. Considerando o contexto dos/das participantes deste estudo, vale ressaltar que, embora a institucionalização seja uma forma de proteger crianças e adolescentes e garantir que estes tenham seus direitos assegurados, ela pode ser um motivo de prejulgamento dos mesmos. Ao serem institucionalizados é comum que os/as adolescentes sejam vistos(as) socialmente como “problema” nos ambientes em que vivem e convivem, estando sujeitos(as) a intimidações, discriminação e ofensas por parte de outros.

Nesse ínterim, esses/essas jovens podem ao longo da adolescência e/ou outras etapas de suas vidas desenvolverem quadros relacionados com baixa autoestima, ansiedade, depressão, autolesão, dentre outros, além de possíveis interferências em seus desempenhos escolares/profissionais e em seus relacionamentos interpessoais. Torna-se, portanto, essencial a oferta de atividades para os/as adolescentes que os/as permitam ser capazes de lidar com as adversidades cotidianas, dentre elas as situações de *bullying*.

Considera-se neste estudo a importância de desenvolver novos estudos de cunho intervencionista que abordem de forma descritiva vivências, experiências e impressões dos/das adolescentes institucionalizados(as), bem como estudos que avaliem programas efetivos de intervenção de forma intersetorial, considerando a escola, os serviços de saúde e outros setores da comunidade. Os resultados do presente estudo devem ser interpretados considerando-se algumas limitações. A primeira refere à delimitação do estudo com a participação de instituições de apenas um município mineiro. Acredita-se que a oportunidade de dar voz a um número maior de adolescentes institucionalizados(as) poderá favorecer o desenvolvimento de estratégias intersetoriais para fortalecimento desse público



que possui condições singulares de vida. Já a segunda limitação refere ao recorte de adolescentes como público participante, considerando que a criança também vivência o *bullying* torná-las parte do estudo poderá contribuir para uma visão ampliada desse fenômeno.

REFERÊNCIAS

- Unicef. Adolescência: uma fase de oportunidades. [Publicação online]; 2020 [acesso: 25 abr. 2020]. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/br_sowcr11web.pd.
- Cavalcanti JG, Coutinho MDPL, Pinto AV L, Silva KC, Bú EAD. Vitimização e percepção do bullying: relação com a sintomatologia depressiva de adolescentes. *Revista de psicologia da imed*, 2018 [acesso: 28 mar. 2020]; 10(1): [140-159]. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6548875>.
- Ferreira EB, Neves FF. O problema do bullying no brasil. *Nucleus*, 2017 [Acesso: 16 abr. 2020]; 14(1): [55-66]. Disponível em: <http://nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/1706>.
- Brêtas JRS, Moraes SP. Preconceito e bullying no ambiente escolar. *Rev. Educação*, 2020; [acesso: 23 abr. 2020]; 15(1): [147-157]. DOI: <http://dx.doi.org/10.33947/1980-6469-v15n1-4015>.
- Marcolino EC, Cavalcanti AL, Padilha WWN, Miranda FAN, Clementino FS. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Rev. Texto & contexto enfermagem*, mar. 2018 [acesso: 23 abr. 2020]; 27(1): [1-10]. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072018005500016>.
- Hellström L, Persson L, Hagquist C. Understanding and defining bullying – adolescents' own views. *Rev. Archives of public health*, 2015 [acesso: 17 abr. 2020]; 73 (4): [2-9]. Disponível em: <https://archpublichealth.biomedcentral.com/track/pdf/10.1186/2049-3258-73-4>.
- Pigozi PL, Machado AL. Bullying na adolescência: visão panorâmica no brasil. *Ciênc. Saúde coletiva*, rio de janeiro, novembro de 2015 [acesso: 26 abr. 2020]; 20(11) [3509-3522]. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1413-81232015001103509&lng=en&nrm=iso.
- Alencastro LCS, Silva JL, Komatsu LA, Bernardinho FBS, Mello FCM, Silva MAI. Theater of the oppressed and bullying: nursing performance in school adolescent health. *Rev. Brasileira de enfermagem*, 2020 [acesso: 16 abr. 2020]; 73(1) [1-7]. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0910>.
- Queiroz TGF, Mota RCC. Um sonho silenciado: as consequências do *bullying* na vida social da criança e do adolescente. *Rev. Facisa on-line*, jan./jul. 2019 [acesso: 19 abr. 2020]; 8(1) [92-118]. Disponível em: <http://periodicos.unicathedral.edu.br/revistafacisa/article/view/247/203>.
- Fu KW, Chan CH, Ip P. Exploring the relationship between cyberbullying and unnatural child death: an ecological study of twenty-four european countries. *Rev. BMC pediatrics*, 2014 [acesso: 19 abr. 2020]; 14(195) [1-6]. Disponível em: <https://bmcpediatr.biomedcentral.com/track/df/10.1186/1471-2431-14-195>.
- Acioli RML, Barreira AK, Lima MLC, Assis SG, Lima MLLT. Tempo de acolhimento e características dos adolescentes acolhidos por tipo de serviços institucionais. *Rev. Ciência & saúde coletiva*, fev. 2019 [acesso: 24 abr. 2020]; 24(2) [553-562]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/141381232018242.06402017>.
- Costa CC, Franco ECD, Santos TM, Silveira EAA, Carvalho MS, Resende MAA. Perfil biopsicossocial de crianças e adolescentes institucionalizados. *Revista eletrônica acervo saúde*, 2019 [acesso: 27 abr. 2020]; 11(17). DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e1671.2019>. Acesso em: 23 abr. 2020.



- Furlan V, Souza TRP. Exclusão/inclusão social: políticas públicas de acolhimento institucional dirigidas à infância e juventude. *Diálogo (unilale)*, 2013 [acesso: 28 abr. 2020]; 1(23) [35-48]. Disponível em: <https://svr-net15.unilasalle.edu.br/index.php/dialogo/article/view/909>.
- Fernandes AO, Monteiro NRO, Bratfisch RCS, Nascimento JOG, Montesano FT. Estresse em adolescentes abrigados. *Rev. Adolescência & saúde*, out/dez 2015 [acesso: 22 abr. 2020]; 12(4) [65-75]. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v12n4a08.pdf>.
- Carvalho VD; Borges LDO, Rego DP. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em psicologia social. *Psicologia ciência profissão*, 2010 [acesso: 27 abr. 2020]; 30(1) [146-161]. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1414-98932010000100011&script=sci_arttext&lng=pt.
- Bardin L. *Análise de conteúdo*. 70 ed. Lisboa: 2011.
- Oliveira WA, Silva JLda, Braga IF, Romualdo C, Caravita SCS, Silva MAI. Modo de explicar o bullying: análise multidimensional das concepções de adolescentes. *Rev. Ciênc. Saúde coletiva*, 2018 [acesso: 30 abr. 2020]; 23(3) [751-761]. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n3/751-761/>.
- Oliveira WA., Silva JL, Sampaio JMC, Silva MAIA. A saúde do escolar: uma revisão integrativa sobre família e bullying. *Ciência & saúde coletiva*, 2017 [acesso: 01 mai. 2020]; 22(5) [1553-1564]. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v22n5/1413-8123-csc-22-05-1553.pdf>.
- Cavalcanti JG. Bullying no contexto da adolescência: um estudo das representações sociais. *Rev. De psicologia da imed*, 2019 [acesso: 28 mar. 2020]; 11(2) [96-114]. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7026084>.
- Silva LOB, Souza B. Bullying nas escolas. *Rev. Direito & realidade*, 2018 [acesso: 21 abr. 2020]; 6(5) [27-40]. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/direito-realidade/article/view/1279>.
- Crochick, JL. Preconceito e bullying: marcas de regressão psíquica socialmente induzida. *Psicologia USP*, 2019 [acesso: 01 mai. 2020]; 30(e190006). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-65642019000100215&lng=en&nrm=iso.
- Alencastro LCDS, Oliveira WA, Silva MAI. O teatro do oprimido no enfrentamento do bullying: uma experiência com adolescentes escolares. *Aletheia*, 2019 [acesso: 01 mai. 2020]; 52(1). Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/5298/3471>.
- Oliveira WA, Silva JL, Braga IF, Romualdo C, Neto WB, Caravita SCS, Silva MAI. Percepções de estudantes sobre bullying e família: um enfoque qualitativo na saúde do escolar. *Caderno saúde coletiva*, 2019 [acesso: 01 mai. 2020]; 27(2) [158-165]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1414-462x2019000200158&lng=en&nrm=iso.
24. Souza CB, Sanchez MB, Marantes L. A importância do educador social no desenvolvimento psicossocial da criança institucionalizada. *Cippus*, 2017 [acesso: 01 mai. 2020]; 5(2) [11-28]. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/cippus/article/view/3129>
- Brito, AH, Araújo LS. Bullying: uma expressão da questão social. *Serviço social & realidade*, 2019 [acesso: 01 mai. 2020]; 24(2). Disponível em: <https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/ssr/article/view/2738/2341>.